

ORGANIZAR A ESPERANÇA: RESISTIR, AVANÇANDO!

Texto base para subsidiar militância da CSD Bancária no debate no processo de Conferências/ 2021

“Organizar a esperança. Conduzir a tempestade e romper os muros da noite. Criar sem pedir licença, um mundo de liberdade”. (Pedro Tierra)

Vemos uma ofensiva sobre as forças populares e progressistas na América Latina por parte dos EUA e seus aliados.

Na disputa geopolítica, especialmente com China e Rússia, EUA vão buscar evitar a volta do Brasil como protagonista nos BRICS.

Desde o governo golpista de Temer com sua “ponte para o futuro” vemos uma ofensiva ultraneoliberal, continuada e aprofundada pelo governo Bolsonaro, com viés ainda mais autoritário, colocando em risco a própria democracia. 2022.

O movimento “Fora Bolsonaro” é uma luta essencial que tem potencial mobilizador. Esse movimento vem acompanhado de bandeiras que sintetizam um questionamento ao que está posto.

As classes dominantes brasileiras sempre, em nossa história, buscaram “soluções por cima” com arranjos para impedir saídas populares.

Vemos esse movimento ocorrer atualmente onde o fator Lula modificou o xadrez político.

Bolsonaro está cada dia mais insustentável, mas as elites não aceitam um governo de esquerda. Assim, articulam uma solução: nem Bolsonaro, nem Lula, tentando uma terceira via.

Não podemos desprezar a capacidade de mobilização e articulação dessa direita autoritária que opera, sem pudor, para sustentar-se no poder.

Farão de tudo para evitar uma vitória do campo popular.

As eleições de 2022 são de importância histórica, oportunidade de um acerto na rota democrática e de uma retomada progressista.

Mas a vitória necessária não é somente a eleitoral deve ser uma virada no modelo de desenvolvimento com inclusão social, combate às desigualdades em uma democracia plena.

Momento é de resistência ativa, buscando retomar a ofensiva diante de uma conjuntura embaralhada e cheia de incertezas sociais.

Para isso a luta deve ser cotidiana, construída hoje, nas ruas, nas redes, nas comunidades, nos locais de trabalho.

A pandemia acelerou e aprofundou processos. Mas também possibilita mostrar ao povo o descaso com a saúde (na negligência com a pandemia) e com a sobrevivência dos necessitados (negando auxílio emergencial em valores adequados). Deixa claro a importância do SUS e dos servidores públicos e o favorecimento aos ricos (ajuda aos bancos bilionária aos bancos).

Que país é esse que estão destruindo? Que país é esse que queremos construir? Que sociedade queremos? O produto do trabalho social apropriado pelo 1% ou uma sociedade onde objetivo seja a solidariedade e que seja mais igualitária.

Precisamos disputar o modelo de sociedade onde a maioria popular seja protagonista.

Denunciar e convencer o povo do desastre que é o projeto neoliberal é decisivo, tendo a capacidade de mostrar quem representa esse projeto. Aí veremos que não é somente Bolsonaro e sua turma. A chamada “direita democrática” comunga desse projeto.

E precisamos anunciar um projeto de resgate do Brasil para seu povo. Apontar caminhos com bandeiras claras e mobilizadoras.

MUDANÇAS NO MUNDO DO TRABALHO

Além da conjuntura explosiva, passamos também por mudanças estruturais nos processos de trabalho e no modo de produção capitalista, impactando o mundo trabalho, com bastante relevância no setor financeiro.

O processo de trabalho nos bancos está mudando profunda e rapidamente.

Um novo perfil de bancários está sendo moldado e o modelo de negócios está em mutação.

Paralelo a essas mudanças, os bancos buscam adequar a legislação e as relações de trabalho. Enfrentamos desafios cotidianos para manter nossas conquistas e direitos.

Os bancos operam para garantir liberdade plena diante da “necessidade” de diminuir os custos do trabalho e pela concorrência crescente e intensa na atividade econômica (Fintechs; Bigtechs, cooperativas de crédito, etc.). Para isso precisam reduzir encargos e ter segurança jurídica para realizar seus negócios.

Sempre utilizaram as tecnologias para substituir mão de obra, diminuindo custos. Atualmente isso se intensificou, facilitado pelos avanços tecnológicos.

Vemos variadas formas de contratação ocorrendo dentro do sistema, driblando nossas garantias e conquistas (bancário autônomo; PJ; correspondentes bancários, etc.).

Também ocorrem transformações nas formas de trabalho e negócios com readequação de rotinas, cargos e funções e da rede de atendimento.

As várias mudanças legislativas, onde os trabalhadores sofreram retrocessos, tem todas as digitais dos Bancos, operam sem pudor. A pressão para retirada das ações judiciais ilustra o que está sendo dito.

A própria postura diante da pandemia, apesar de termos conseguido pactuar medidas protetivas, sempre foi difícil garantir sua aplicação pois a tensão que prioriza o negócio sempre esteve presente.

A negociação possível, na lógica patronal, se pauta para garantir seus objetivos (reduzir custos; segurança jurídica e operacional para atividade econômica). Portanto vão continuar buscando reduzir e flexibilizar vários direitos e conquistas, essa é a lógica.

Precisamos desenvolver táticas e estratégias inteligentes que consiga superar os dilemas colocados, mantendo nossas conquistas e negociando mudanças que não tragam prejuízos aos trabalhadores.

No processo negocial podemos acordar medidas para adequações diante do novo mundo do trabalho, mas sem perda de direitos e conquistas.

O momento é de resistência, de acumular forças. Para isso não podemos ficar somente em um processo defensivo. Talvez devêssemos analisar a possibilidade de dar passos mais ousados, sempre compreendendo a correlação de forças, mas agindo para equilibrá-la, mesmo que a médio prazo.

Nosso debate deve estar alicerçado em um olhar apurado da conjuntura brasileira em ebulição e nos movimentos dos vários atores da luta de classes. Aprofundar essa compreensão deve ser a base da atualização de nossa linha de atuação.

SINDICATOS À ALTURA DOS DESAFIOS

Para dar conta dos desafios que estamos sendo chamados a responder, precisamos adequar nossos instrumentos de lutas e reinventar nossa atuação. Reinventar não significa negar os elementos positivos até aqui alcançados, mas compreender seus limites e a necessidade de superar barreiras, tendo cuidado com o acomodamento e a burocratização impostos pela rotina despolitizada.

DESAFIOS:

- Sindicatos representativos, democráticos, organizados pela base, independentes do Estado e dos patrões, relevante para os trabalhadores e para a sociedade;
- Reforçar nossa estratégia de fortalecimento dos sindicatos por ramo e a organização por local de trabalho colocando em perspectivas quais os passos para a sua implementação;
- O movimento sindical precisa avançar em estruturas capazes de acolher, organizar e fortalecer as lutas da classe trabalhadora nos territórios. Cabe a nós impulsionar, por meio da articulação entre sindicatos e movimentos populares a constituição de espaços comuns de organização e ação coletiva;
- Fortalecer unidade, lutas e alternativas – construir iniciativas unitárias, com participação das bases e sindicatos, em agendas políticas em que estejam presentes a perspectiva sindical dos direitos do trabalho em sintonia com estratégias de intervenção na formulação de políticas

públicas voltadas para as demandas de um projeto de desenvolvimento voltado para o bem-estar da sociedade;

- Construir uma rede de relação e confiança, organizando a resistência - Cada sindicato uma célula de resistência;
- Construir o ramo financeiro: representação de financiários/promotores de vendas/securitários/fintechs, etc.;
- Contribuir para viabilizar o macro setor de serviços, para além dos ramos, para além da carteira assinada.

NOSSA TAREFAS

- Juntos com a classe trabalhadora resistir aos ataques aos direitos trabalhistas e previdenciários. Nenhum direito a menos. Mobilização pelo fora Bolsonaro e Construir a vitória em 2022.
- Avançar na organização dos trabalhadores no Ramo Financeiro, tema estratégico diante das atuais e futuras mudanças na categoria.
- Refletir quanto a atuação sindical, atualizando nossas formas de luta e organização. Ampliando a participação, a capacidade de ação e a mobilização dos bancários e dos dirigentes.
- Azeitar a máquina. Autorreforma de nossas organizações para dar conta deste novo mundo do trabalho.
- Unidade na luta contra as privatizações.
- Enfrentar o processo de reestruturações que os bancos estão praticando, que tende a se aprofundar, gerando mais desemprego. Denunciar a demissões e PDVs, que impacta nas condições de trabalho.
- Defesa do emprego e por mais contratações, com concurso público para Bancos Estatais.
- Defender os bancos públicos.
- Defesa da Funcef e do Saúde Caixa.
- Defesa da Previ e Cassi.
- Debater estratégias e ações para dar respostas às mudanças tecnológicas do sistema financeiro. As novas tecnologias e métodos de gestão e negócios tende a mudar o perfil do trabalho bancário impactando na vida laboral e no emprego.
- Defesa dos direitos e de nossa CCT. Implementar lutas específicas de resistência, buscando avanços em temas não contemplados na CCT e ACT's (acordos específicos).
- Fortalecer as negociações nas mesas temáticas (saúde, segurança e condições de trabalho, igualdade de oportunidades), considerando as novas condições de atuação. Oportunidade de aliar negociações com mobilização com a necessária priorização desses temas importantes.
- Na pandemia conseguimos pactuar protocolos protetivos e colocar bancários no PNI. Estamos atentos quanto às sequelas da doença e necessidade de cuidados continuados. A defesa da saúde e da vida diante da pandemia vai continuar e devemos continuar atentos e mobilizados para isso.
- Lutar por condições de trabalho dignas, contras as metas abusivas e assédio.